

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Luiz . Luiz Silva (Cutí) (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 50min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Luiz Silva (Cutí)
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Levantamento de dados: Amilcar Araujo Pereira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Salvador - BA - Brasil;

Data: 14/09/2006

Duração: 1h 50min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 2; Minidisc: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado se justificou por se constituir como uma grande referência na área da "literatura negra". Entre outras coisas, o entrevistado realizou, no início da década de 1980, uma série de entrevistas com José Correia Leite, fundador da Frente Negra Brasileira em 1931 e um dos grandes nomes da imprensa negra paulista do início do século XX. Essas entrevistas, oriundas de sua preocupação com a preservação da memória do movimento negro brasileiro (a mesma que a nossa ao realizar este projeto), resultaram no livro ...E disse o velho militante José Correia Leite, que é referência obrigatória para pesquisadores que trabalham com a construção do movimento negro no Brasil. A entrevista foi realizada no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Estadual da Bahia, Uneb, durante o IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre 13 e 16 de setembro, em Salvador, Bahia.

Temas: Atividade acadêmica; Atividade profissional; Família; Filosofia; Literatura; Movimento negro; Racismo; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista: 14/09/2006

Disco 1: Origens familiares e a adoção do apelido “Cutí”; a diáspora do candomblé como uma forma de reatização afetiva na família do entrevistado; o nascimento em Ourinhos, interior de São Paulo, e a mudança aos dois anos de idade para Santos; a trajetória familiar do entrevistado; a trajetória escolar de Luiz e a sua posição de destaque como o melhor aluno da turma; a questão racial na família; a história do livro infanto-juvenil “Pelada Peluda no Largo da Bola” baseada nas partidas de futebol entre times de brancos e negros; a escolarização de Luiz e de seus irmãos; a questão racial na cidade de Santos e a divisão nos clubes de brancos e negros; a participação na entidade negra Itamaraty; os contatos com Luiz Alberto Gonçalves e o convite para o clube Itamaraty; o ingresso no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP); os motivos para o interesse em Filosofia; as experiências profissionais antes e durante a estadia na cidade de São Paulo; o interesse pela escrita e a decisão pelo curso de Letras na USP; a importância dos livros “O carro do êxito”, de Oswaldo de Camargo, e “O negro revoltado”, de Abdias Nascimento, na trajetória do entrevistado; os contatos com o Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan); a mobilização de diversas entidades negras na década de 1970 e a formação do Movimento Negro Unificado; a participação no projeto dos “Cadernos Negros”, iniciado no Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu); os impactos dos acontecimentos mundiais voltados à questão racial e às lutas de libertação nacional e a literatura mobilizada pelas entidades negras.

Disco 2: A relação entre literatura e negritude; a importância da criação de entidades negras voltadas para a cultura; a criação da Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo (Feabesp); o trabalho de memória e a publicação do livro “... E disse o velho militante José Correia Leite”; a importância de Correia Leite para a militância negra; definição de poesia negra pelo entrevistado; a declamação de poemas sobre a negritude; o projeto “Literatura quilombola: uma revolução pela palavra” e suas propostas; as experiências profissionais após o curso de Letras – Português-Francês na USP.

Entrevista: 14.09.2006

Verena Alberti - É Luiz Silva só o nome do Cuti?

Luiz Silva - Não é Luiz Silva, o só não existe.

V.A. - É Luiz Silva, Luiz com “z”?

L.S. - Luiz Silva com “z” e o pseudônimo é Cuti.

V.A. - Ah! Não é Cuti, é Cutí?

L.S. - Não, é Cuti. Na realidade é um nome que vem de uma onomatopeia: “cuti, cuti, cuti, cuti, cuti”. Eu tinha por volta de uns três anos de idade. Eu tinha uma irmã que morreu com vinte e três anos e que ela certa vez observou uma cena ... que minha casa, minha mãe tinha muita criação de galinhas, então sempre nascia uns pintinhos e tal e a gente chama os pintinhos assim: “cuti, cuti, cuti...” e a minha irmã tinha um vestido cheio de passarinhos; e ela observou que uma vez eu cheguei, abri o guarda roupa dela e fiquei chamando os passarinhos do vestido: “cuti, cuti, cuti, cuti”. Ela viu a cena, achou tão interessante que começou a me chamar de cuti cuti, e aí foi indo, foi indo, ficou Cuti.

V.A. - Ela era mais velha que o Senhor?

L.S. - Era. Ela tinha vinte e três, vinte e dois anos.

V.A. - Ah! E o Senhor era pequenininho com três. A distância era de vinte anos?

L.S. - Vinte anos. Então foi muito interessante. Eu gostei, porque aí também eu passei a ser chamado de Cuti em casa. Quando havia pessoas estranhas, que chegavam a perguntar pelo Luiz, eu já sabia que não era gente chegada. Então o Luiz, também minha mãe me chamava de Luiz quando estava brava comigo. Então nós temos aí que é um nome afetivo que eu resolvi assumir nos meus livros porque eu entendi em um determinado momento que a minha

família realizava o processo de dijina no candomblé. Isso tem que saber! A minha família é católica, mas todos os filhos tinham o nome e tinham seu apelido familiar.

V.A. - Processo de quê?

L.S. - De dijina.

V.A. - Dijina. O que é que é isso?

L.S. - Dijina é o nome que uma pessoa recebe quando faz o santo no candomblé. É o nome sagrado que ela recebe. Então, a família como era uma família católica, mas esse substrato do inconsciente fazia com que ela renomeasse afetivamente os seus componentes. Então nós vamos ter Tide, Adi, Dossa, Vina, [inaudível], Guga ...

V.A. - Dossa? Igual doce?

L.S. - É, Dossa. O nome dele é Salvador.

V.A. - Dossa e Vina?

L.S. - Era Silvina, Aiá, que era Argemira, olha só.

V.A. - Aiá era Argemira.

L.S. - Adi, que era Ardivino.

V.A. - Ardivino?

L.S. - Ardivino. Então você percebe que tem todo um movimento de rebatização afetiva. Embora o nome oficial seja Luiz, mas o nome afetivo é Cuti.

V.A. - Tide era quem?

L.S. - Aristides.

V.A. - Aristides, Tide. Ah! Esse é ...

L.S. - Então você percebe que esses são processos inconscientes de resistência que às vezes a gente não dá muita importância. Isso existe nas famílias, essa coisa. Você vai ter um nome que você precisa para usar lá fora, mas aqui dentro você tem um nome que nós vamos dar e que surge naturalmente. Então por isso que eu resolvi assumir o nome Cuti, está nos meus livros ...

V.A. - E o Senhor disse que tinha três anos. O Senhor nasceu nessa casa? Onde é?

L.S. - Eu não sou Senhor, não já pedi a você? [Riso]

V.A. - Está certo. [Riso]

L.S. - Então para gente ficar mais íntimo é melhor o você.

V.A. - Perfeito. Então você nasceu ... [interrupção por Cuti]

L.S. - Não, eu não nasci nessa casa. Eu fui para Santos com dois anos de idade. A minha família é do interior paulista da cidade de Ourinhos.

V.A. - Ourinhos?

L.S. - Isto.

V.A. - E o Senhor, [riso], você nasceu em que dia?

L.S. - Nasci em 31 de outubro de 1951. No mesmo dia de Carlos Drummond de Andrade, o que para mim é um grande orgulho. Um dos grandes poetas brasileiros ...

V.A. - Então, 31 de outubro de 1951 em Ourinhos e com dois anos de idade foram para Santos por quê?

L.S. - Olha, a minha família foi para Santos tentar a vida melhor porque Ourinhos era uma cidade do interior – a perspectiva era toda de trabalhar no campo, trabalhar na cidade pouco emprego, então foi em busca realmente de ascensão social. Em qualquer família negra... [interrupção por Verena]

V.A. - E seu pai trabalhava no interior, trabalhava no campo? O que é que ele fazia?

L.S. - É, trabalhava no campo, meu pai trabalhava no campo.

V.A. - Trabalhador de enxada?

L.S. - Isso. De enxada, de criação de gado. Meu pai trabalhava a cavalo. Tinha essas várias ocupações.

V.A. - E morava na casa... Em um outro terreno ou era propriedade de vocês?

L.S. - Sim, a família quando saiu de Ourinhos, ela já tinha uma propriedade particular e saiu para morar de aluguel e nunca mais conseguiu comprar uma casa própria. Só os filhos que foram casando é que... Porque a diversidade urbana foi muito grande, então a família sempre morou de aluguel.

V.A. - E eram um, dois, três, quatro, cinco irmãos?

L.S. - Não, tinha mais e uns foram morrendo. Tinha o Antônio também ...

V.A. - E você era o menorzinho, o caçula?

L.S. - Era o caçula. Eu fui caçula porque nasceu depois de mim uma em Santos que faleceu, uma menina, e eu fiquei o caçula.

V.A. - E a mais velha tinha vinte e três anos? Quando ...?

L.S. - Não. Na época em que ela me pôs o apelido ela tinha vinte e faleceu com vinte e três.

V.A. - Faleceu em Santos mesmo?

L.S. - Faleceu em Santos.

V.A. - De que é que ela faleceu?

L.S. - Faleceu de câncer.

V.A. - Muito nova!

L.S. - Que também é um traço na família. Câncer é um traço na família. Já levou três: meu pai, essa minha irmã e uma outra irmã.

V.A. - Então, quando foram para Santos só o seu pai trabalhava ou os outros mais velhos não?

L.S. - Já. Todos trabalhavam. Primeiro foi meu pai e meus irmãos mais velhos, depois foram o restante, as pessoas que trabalhavam foram procurar emprego.

V.A. - E já tinha um contato em Santos? Alguma coisa?

L.S. - É. O contato era com alguém do próprio... de Ourinhos mesmo, que tinha alguns conhecidos em Ipiranga, então foi aquela. Foram duas ou três famílias. Quer dizer, o meu pai propriamente não tinha contato. Minha mãe queria que nós fôssemos para São Paulo que havia mais perspectivas. Na história da família tem isso de que se nós tivéssemos ido para

São Paulo teríamos dado mais certo em termos de possibilidade porque minha mãe trabalhou muito tempo quando solteira com os figurões de São Paulo, então eles tinham feito a proposta da minha mãe cuidar de um sítio que ficava nos arredores de São Paulo. Meu pai seria caseiro do sítio e meus irmãos poderiam estudar e tudo, mas o meu pai era um homem orgulhoso. Proposta da mulher, da esposa... Ele preferiu seguir o amigo e foi para Santos.

V.A. - E ele tinha alguma formação, que ele foi fazer alguma profissão? Ele trabalhava no campo e aí em Santos ele foi fazer o quê?

L.S. - É, o meu pai a última função dele foi de frentista de posto de gasolina. Ele morreu nessa profissão. Meus irmãos também vários passaram por aí, que ele conseguia os empregos e tal no posto de gasolina. Essa foi a profissão dele na área urbana. O que eu acho que também foi um dos grandes motivos de desgosto, não é? Você imagina o que é um homem acostumado a andar a cavalo, a cuidar de boi, etc. E vai ser frentista de posto de gasolina. E ficou com essa mágoa também de não ter constituído a casa própria da minha mãe, que é uma casa – segundo meus irmãos dizem – uma casa grande, com quintal, tudo. Foi para Santos, foi morar em um cortiço, pequeno, então eu acho que isso também foi um desgosto que abreviou um pouco a vida dele.

V.A. - Ele morreu cedo?

L.S. - Com cinquenta e um anos de idade.

V.A. - Você estava falando, eu interrompi. Ia dizer o que era típico de famílias negras no interior de São Paulo e eu não deixei você falar, o que é que você ia dizer?

L.S. - Típico, típico?

V.A. - De famílias negras. “Ah! Isso é típico de famílias...”, de como é normal acontecer com famílias negras. Não foi que você estava falando alguma coisa assim? Bom, então eu interrompi [riso].

L.S. - Não, eu não me lembro.

V.A. - Está bem.

Amilcar Pereira - Você chega em Santos muito novo. E como é que se dá o processo de vaga na escola, você vai estudar em uma escola municipal? Como é que funciona esse início da sua trajetória aí na educação?

L.S. - É, eu fui estudar em escola municipal. Eu fui estudar em escola municipal e depois, o ginásio, eu já fui fazer em escola particular. A família era pobre, mas escola pública, na época o ginásio, era uma coisa de elite. Então a família teve que fazer um esforço de pagar o ginásio para que eu pudesse trabalhar e estudar a noite e completasse a formação do ginásio. E depois sim! O colégio, o colegial eu já fiz em escola pública.

V.A. - Quer dizer, o primário foi em escola pública, o ginásio foi em escola particular e o colegial foi ...

L.S. - Porque aí eu já tinha ..., já tinha passado um tempo, eu já tinha iniciativa própria e aí eu fui atrás, fui brigar para entrar nessas escolas. Aí é que eu tive o grande impacto. O grande impacto porque eu tinha feito um ginásio [comercial] e fui fazer científico, então um desastre [riso]. O primeiro ano ... aliás nem se chamava colegial – tinha um outro nome que eu não me lembro agora, fui fazer e aí foi um desastre total. Aí depois no segundo ano veio o colegial. [Lembrança]. Antes! Era clássico científico! Não é?

V.A. - Isso.

L.S. - Então eu fiz aquilo certamente na área do científico. E aí foi aquilo ...

V.A. - Muito difícil?

L.S. - Aí depois no ano seguinte mudou para colegial, aí eu fui fazer, aí já escolhi a área de Humanas, aí eu pude então ter um desenvolvimento – vamos dizer assim – progressivo, sem

essa questão da repetência porque eu nunca fui de repetir a não ser esse ano que eu tive esse problema. Aliás sempre tive muito sucesso, sobretudo no ginásio: medalhas, etc., etc. E aquele problema já: o único negro da classe que tira medalha. É o aluno que teve a nota melhor durante todo ano. Então, esse também já era um aspecto que começa a me dar um vislumbre de consciência negra nesse momento porque eu era um aluno aplicado, que tirava boas notas. Tanto é que teve um ano que eu nem fui receber a medalha porque em casa ninguém queria ir, porque eu não sei. Era uma cerimônia chique, as pessoas não tinham roupa e tal. Eu nem fui receber a medalha.

V.A. - Como era o nome ... [interrupção por Amilcar]

A.P. - E havia na sua casa alguma discussão com relação à questão racial? Negro ...

L.S. - Não. Minha casa não tinha. Muito pelo contrário, havia a manifestação do racismo introjetado. A ignorância do meu pai querendo que o pente de osso fosse daqui até a nuca por causa do cabelo crespo. As minhas irmãs com a ideia de namorarem pessoas brancas, enfim, era isso. Agora tinha uma coisa importante que era a manifestação cultural e também a presença do coletivo. Família grande e os meus irmãos e minhas irmãs tinham muitos amigos, então a casa vivia cheia de negros. Nessa época, a gente – eu me lembro muito bem – era a época do *Jazz*, Louis Armstrong aparecendo. Então, em geral domingo, a sala onde se comia virava um salão de festas. Domingo à tarde se dançava muito *rock*, Little Richard, muito *Jazz*. Então ali que eu aprendi a dançar. Foi nesse ambiente que eu pequeno já dançava no colo das minhas irmãs, das amigas e tal. Era realmente um ambiente cultural muito rico. Também os negros que haviam na rua, que moravam na mesma rua, havia uma troca muito intensa de contatos mesmo, uma coisa muito forte. Havia uma figura que até hoje eu transformei em um livro. A presença dela está em um livro infanto-juvenil chamado a “Pelada Peluda no Largo da Bola”.

V.A. - Como?

L.S. - “Pelada Peluda no Largo da Bola”. É o título do livro. Nesse livro eu retrato uma coisa que acontecia muito em Santos quando eu era garoto que era uma partida de futebol entre negros e brancos.

V.A. - Havia isso? **[Riso]**

L.S. - Havia. Nós éramos pequenos, então a gente ... Às vezes, estávamos lá e dizíamos: “vamos tirar um preto contra branco? Vamos!” Então aí montava os grupos de negros, montava os grupos de brancos e a gente fazia uma partida de futebol. Aí tinham aqueles que ficavam no meio e não sabiam onde iam jogar. Então eu resolvi – depois de muitos anos – transformar isso em um livro infanto-juvenil. E gerou esse livro, a “Pelada peluda” que é uma disputa ... e no livro aparece essa figura que é a Dona Sinhá. Uma senhora negra que vendia cocadas e que na rua era considerada como uma santa. Era uma pessoa de porte de rainha, ela colocava aqueles panos na cabeça, aquele vestido de baiana. Ela vendia cocadas, ela saía para vender cocadas e quando ela voltava todas as crianças corriam para pegar a cesta da Dona Sinhá porque depois ganhavam umas cocadas. Ela dava. Eu transformei isso daí numa história em que há essa disputa entre crianças e depois há uma briga muito forte e tal, um fica com raiva do outro e tal e a Dona Sinhá chega com a cocada e acaba a briga ali dizendo umas palavras e dando a cocada branca para o negro e dando a cocada escura para o branco e falando: “Agora vocês peguem a cocada e troquem porque vocês vão ver que tudo se resolve de uma forma doce, de uma forma agradável”. Então essa, é um período assim ... uma coisa assim muito viva, muito interessante ... E a família da Dona Sinhá também. Eles eram uns negros muito altivos. Eu me lembro que naquela época um deles era um ícone assim para todos nós porque era um negro que andava - naquela época - com aquelas motos. Ele tinha uma moto poderosa. Era um cara que trabalhava no cais. Então ele era um ... chamava Sisenando.

V.A. - Sisenando?

L.S. - Sisenando. Era uma figura assim, um ícone. Nós tínhamos orgulho. Ele chegava com aquela moto, uma moto grande. Então quando ele chegava aquilo era uma admiração para as

crianças verem. O Sisenando com a roupa de couro e tal. Então era uma figura assim muito importante, inclusive até desse orgulho [inaudível].

V.A. - E em qual bairro de Santos?

L.S. - Nós morávamos no Marapé.

V.A. - Marapé que chama? E o nome da escola do ginásio que o Senhor foi, o Senhor se lembra?

L.S. - Ah! Você não consegue me chamar de você. [Risos]

V.A. - De você, que você foi, isso. [Riso]

L.S. - Por quê? Porque o Senhor nos afasta e eu não quero ficar conversando com você numa relação afastada.

V.A. - Está bem.

L.S. - Podemos nos aproximar, não é?

V.A. - Está bem.

L.S. - Essa escola é Escola Municipal Azevedo Júnior. Eu sei que era Azevedo Júnior, mas ...

V.A. - E o ginásio?

L.S. - O ginásio era Colégio Liceu São Paulo.

V.A. - Liceu São Paulo.

L.S. - Isso.

V.A. - E na sua turma você era o único negro e na escola toda também ou havia outros?

L.S. - Não. Havia outros negros.

V.A. - Havia?

L.S. - Inclusive em alguns anos eu tive outros alunos negros e mulatos dentro da sala. Mas em alguns anos eu fui o único mesmo.

V.A. - E na família, além de você, os seus irmãos também chegaram a ter essa oportunidade?

L.S. - Não.

V.A. - Você foi o único?

L.S. - Todos os meus irmãos chegaram apenas ao primário.

V.A. - Irmãos e irmãs apenas ao primário.

L.S. - Irmãos e irmãs apenas ao primário.

V.A. - Por que é que você galgou, que você acha que...

L.S. - Eu acho que – de certa maneira – como eu era o caçula, eu fui protegido. Eu terminei o primário e fiquei um ano sem atividade alguma, na rua. E eu já estava me desviando para uma certa criminalidade. Andando com uns meninos que assaltavam, porque a gente jogava bola juntos, então eu já estava ali. Meninos que fumavam, então minha mãe começou a observar isso, minhas irmãs também e falaram: “Não, ele não vai ficar na rua. A gente dá um jeito para ele estudar!” Meu irmão mais velho também, o Adi, colaborou também. Aí meu irmão, minha mãe fez lá um esforço de economia e como na época era difícil achar assim ... Tinha todo um problema de ter que ter político para você conseguir matricular um filho no

ginásio. Lá o vereador, enfim, você achava melhor matricular numa escola particular aonde eu...

V.A. - O seu irmão Adi ajudou financeiramente que você diz?

L.S. - Isso.

V.A. - Eu queria perguntar também a respeito da pelada entre brancos e negros. Você jogava?

L.S. - Jogava!

V.A. - Normalmente?

L.S. - Normalmente!

V.A. - E isso era visto normal, essa divisão “vamos pegar ...”?

L.S. - Era visto por quem?

V.A. - Por vocês crianças.

L.S. - Era normal, era normal, não era uma coisa assim ... era assim: “vamos tirar um preto contra branco? Vamos, vamos, vamos!” Aí ... [Inaudível]

V.A. - E todos moravam na mesma rua, no mesmo bairro?

L.S. - Na rua, se conheciam, brincavam juntos.

A.P. - Era comum em Santos também – como em algumas cidades lá do interior de São Paulo - a existência de clubes para negros, clubes para brancos, ou não?

L.S. - Sim, sim. Em Santos também.

A.P. - Isso era normal? Então de certa forma ...?

L.S. - Isso era normal. Tanto é que na minha adolescência eu tive um caso. Eu tinha o que, por volta de dezesseis, dezessete anos, eu fui barrado no Clube Caiçara em Santos. Isso gerou uma publicação em um jornal. Eu fui com uma namorada minha. Fui convidado na época – eu acho que eu já tinha um pouco mais de idade, não sei se dezoito ou dezenove. Mas eu fui convidado por um amigo branco para ir a uma festa – que ele era estudante de Direito – que o Diretório Acadêmico da faculdade dele estava realizando no Clube Caiçara. Eu fui com essa minha namorada e na porta fomos barrados.

V.A. - Ela era negra?

L.S. - Negra. Nós fomos barrados e depois os estudantes chamaram a polícia, coisa e tal, mas nós não quisemos nem entrar mais. No dia seguinte fomos à imprensa, aí saiu na primeira página do jornal o meu rosto.

V.A. - Qual jornal?

L.S. - Jornal ... não me lembro.

V.A. - De Santos?

L.S. - De Santos, é. Não era “A Tribuna”.

V.A. - Não era “A Tribuna”?

L.S. - Não era “A Tribuna”. Era um jornal ... não me lembro se era o “Diário de Santos”...

A.P. - Não lembra o nome?

L.S. - Não, não me lembro. Então, aí teve uma polêmica. Havia uma entidade negra aqui em Santos, que criou até pelo título da matéria, criou um certo entendimento metafórico porque essa entidade se chamava Itamaraty.

V.A. - A entidade negra se chamava Itamaraty?

L.S. - Chamava-se Itamaraty. E aí saiu a matéria assim: “Itamaraty dá apoio a estudante negro barrado no clube tal”, mas era uma entidade sem poder político, mas já era uma entidade negra, na qual eu já participava.

V.A. - Ah, já! E foi a primeira entidade em que você participou?

L.S. - Foi, foi a primeira entidade.

V.A. - E como foi essa descoberta dessa entidade e ...?

L.S. - É, essa descoberta foi assim: eu comecei a escrever por volta aí dos doze, treze, dezesseis, por esse período. Comecei a escrever fazendo redação. Eu comecei a achar que realmente a redação na escola era uma possibilidade de embelezamento da linguagem, comecei a sentir prazer por isso. E depois isso me remete também a minha infância, ao jogo que eu fazia com um irmão mais velho do que eu. Nós tínhamos um mundo, o nosso mundo de brinquedo era um mundo que falava, um mundo ficcional muito substancial. Os personagens tinham história, os bonequinhos, as tampinhas de garrafa e tal, então era um mundo muito bonito e através da escrita eu faço a retomada disso [pausa/emoção] e aí eu começo a escrever e encontro uma pessoa – que inclusive está aqui nesse Fórum que eu não encontrei ainda, que é o Luiz Alberto Gonçalves.

V.A. - Luiz Alberto Gonçalves.

L.S. - Luiz Alberto Gonçalves, é. Então, o Luiz Alberto morava em Santos e eu não sei como eu o conheci. Nós começamos a ... eu comecei a passar textos para ele ler, com poesias que eu escolhia e tal e aí ele me chamou para ir para o Itamaraty. Aí eu fui, a gente dizia poesia,

montava pequenos textos; montagens teatrais, coisa pequena, enfim fazíamos recitais. Era um clube que... Era uma entidade que funcionava um pouquinho como um clube porque a gente promovia algumas festas, algumas discussões sobre questão racial, tinha lá a feijoada, enfim era um mundo cultural onde que a poesia tinha – vamos dizer assim – espaço.

V.A. - Como é que você conheceu o Luiz Alberto Gonçalves?

L.S. - Não me lembro bem. Mas eu acho que deve ter sido tipo um contato de alguém que me apresentou e Luiz era uma pessoa já bastante interessada e... [interrupção por Verena]

V.A. - Já mais velha do que você? Ele era mais velho?

L.S. - Não, acho que nós temos talvez a mesma idade. Mas ele já era uma pessoa mais... Vamos dizer assim, eu era de uma família de menos recursos. A família do Luiz era uma família mais bem estabelecida. O Luiz teve aulas de piano, o Luiz aprendeu línguas cedo. Já tinha um pai com uma boa posição de vida, casa própria, enfim era uma família bem estruturada.

V.A. - O que fazia o pai dele? Você se lembra?

L.S. - Não me lembro. Eu acho que era funcionário público se eu não me engano, mas tinha uma posição boa. Então esse contato na minha adolescência foi também um grande avanço intelectual. Ele e esse amigo que estudava Direito, que era – era não – é um indivíduo branco: Paulo.

V.A. - Paulo? E o sobrenome sabe ou não?

L.S. - Aí já não lembro. Lembro que ele tinha um apelido Paulo Boca.

V.A. - Boca?

L.S. - Não, Paulo Boca. não, espera aí. Paulo Boca é um outro do Rio. Era Paulo... Ah! Ele tinha um outro apelido. Daqui a pouco eu lembro. Então era uma pessoa também que lia muito. A gente trocava muita leitura, gostava de ouvir muito *Jazz* e também tinha uma posição social... Era filho único.

V.A. - O Paulo?

L.S. - O Paulo. Então ...

V.A. - Você conheceu o Paulo como?

L.S. – Não sei se em escola, não consigo me lembrar, não me lembro. Isso são relações que você vai estabelecendo em escola e tal, mas eu não me lembro, mas eu acho que ... não! O Paulo morava na nossa rua.

V.A. - Ah ...

L.S. - O Paulo morava na nossa rua, então era de brincadeira mesmo, de jogar a bola.

V.A. - E ele foi fazer Direito?

L.S. - Ele foi fazer Direito. Formou-se já há um tempo e é advogado em Santos.

V.A. - E esse Itamaraty, você sabe quando que começou a existir lá em Santos?

L.S. - Não, não sei. Não tenho ideia.

A.P. - No entanto você conhece antes da década de 1970?

L.S. - Poxa, bem antes! Eu morava em Santos ainda.

A.P. - Então, quando mais ou menos?

L.S. - Eu vou para São Paulo em 1973.

A.P. - Então você [inaudível] quando você toma contato com o Itamaraty?

L.S. - Não, não tenho essa ...

A.P. - Não tem ideia só para a gente tentar situar?

L.S. - Não, não tenho ideia. Aí você vai ter que fazer o cálculo.

V.A. - E quantos anos, você tinha uns ...?

L.S. - Eu tinha mais ou menos dezesseis para dezessete anos quando eu estava entrando em contato através de Luiz Alberto, eu tomo contato.

V.A. - E aí você está fazendo nesse momento o científico, com dezesseis, dezessete anos ou o colegial, enfim?

L.S. - Sim, sim, já estou terminando porque eu vou para São Paulo em 1973. Eu já tinha terminado tudo isso. Já fui para estudar, para fazer faculdade na USP.

V.A. - Qual faculdade?

L.S. - Eu entrei em Filosofia. Filosofia, mas depois eu não consegui porque tive uns problemas de sobrevivência e tive que retornar a Santos. Isso eu acho que foi 1970 se eu não me engano. Não, foi 1973 mesmo. Aí eu voltei no mesmo ano para Santos, fiz meio ano. Cheguei lá também me senti muito despreparado porque era uma bibliografia toda em Alemão, Francês. Eu dominava um pouquinho Francês. É que eu tinha feito Aliança Francesa. Mas era muito pesado e também minha família teve um problema do casamento de um irmão que ia sair e ele era um provedor. Então eu me senti na obrigação de voltar para

ocupar o lugar dele. Aí eu voltei e fiquei um ano. Consegui um trabalho nas docas de Santos, trabalhei durante um ano.

V.A. - Fazendo o quê?

L.S. - É, trabalho de escritório porque eu trabalhei ... meu primeiro trabalho foi em gráfica e depois da gráfica eu já saí para trabalhar em escritório.

V.A. - Esse trabalho em gráfica foi com quantos anos?

L.S. - Quinze, quatorze, quinze [Dúvida]. Trabalhei numa gráfica na blocagem.

V.A. - Blocagem?

L.S. - Blocagem é o pessoal que cuida do papel.

V.A. - Ah, blocagem?

L.S. - É, blocagem. Você fazia nota fiscal que tinha várias vias, aí você intercalava, enfim fazia esse tipo de coisa, colava ...

V.A. - E por que Filosofia? [Riso]

L.S. - Eu sempre gostei muito da ideia da Filosofia Grega de caminhar, a ideia socrática de transmissão do conhecimento através da maiêutica, então eu achei aquilo muito interessante e eu sempre fui uma pessoa que tive um pouco dessa coisa de intimista porque para gostar de escrever você precisa ter esse lado...

V.A. - Solitário?

L.S. - Solitário. Então como eu gostava de ler eu já era solitário na família porque meus irmãos poucos gostam de ler. E a primeira coisa que eu pensei quando eu pensei em um curso superior foi realmente Filosofia, eu queria ser filósofo.

V.A. - Tinha algum professor no clássico que levou...

L.S. - No terceiro colegial eu tive um grande incentivo que foi um professor chamado Itagiba.

V.A. - Itagiba?

L.S. - Itagiba. Não sei o sobrenome também. Mas eu fiz o terceiro colegial no Colégio Canadá que era um colégio muito bem-conceituado em Santos. No terceiro ano eu consegui entrar lá, fiz um exame e consegui entrar. E eu encontrei esse professor Itagiba de Filosofia, então foi um deslumbre. A Filosofia que ele ensinava e como ele ensinava me incentivou muito a amar Filosofia. Então eu saí do colegial com a ideia fixa de fazer Filosofia.

V.A. - Esse Colégio Canadá era público?

L.S. - Público, estadual. Consegui entrar no terceiro ano, entrei no terceiro ano e dali eu saí já para [interrupção por Verena]

V.A. - O vestibular na USP?

L.S. - Para ir tentar a USP, mas eu saí de Santos para sobreviver em São Paulo. Isso também foi uma coisa difícil. Eu abandonei um emprego bom.

V.A. - Da gráfica? Não ...

L.S. - Não, na época eu trabalhava na Cosipa, que era um dos melhores empregos na época que havia em Santos. A Cosipa era uma metalúrgica, aí eu trabalhava no escritório da metalúrgica, então eu tinha um bom emprego tanto é que a família ficou muito preocupada. Meus amigos da empresa também; teve uma amiga minha que até disse “Você é louco de

fazer isso! Sair para estudar Filosofia, deixar um bom emprego para estudar Filosofia!” E eu fui.

V.A. - E em São Paulo você arrumou emprego nesses seis meses ou não?

L.S. - Claro. Eu consegui emprego, mas aí em São Paulo eu tinha o quê? Eu tinha a minha tia que ...

V.A. - Irmã da sua mãe?

L.S. - Irmã da minha mãe e que morava lá e ela me acolheu por um bom tempo, morei lá. Nem sei precisar quanto, mas sempre que eu precisava lá eu tinha casa e comida pelo menos. Ela não tinha recurso para me dar dinheiro, mas tinha casa e comida. E tinha um amigo também, um amigo em Santos, o Richard que estudava Engenharia. O pai do Richard era uma pessoa bem estruturada. O Richard era um negro bem-apessoado e tal ...

V.A. - Negro também?

L.S. - É, negro e ele me acolheu também na casa dele.

V.A. - O pai desse Richard?

L.S. - Não, o Richard porque o pai morava em Santos. Aí eu conheci o Richard através do Paulo e o Richard me acolheu em São Paulo. Eu morei um tempo lá também, ali no centro de São Paulo, na baixado do Glicério.

V.A. - Glicério?

L.S. - É, mas depois eu resolvi sair dali porque era uma barra muito pesada. Muita prostituição, então eu resolvi sair. Nós morávamos em um prédio que havia muitas prostitutas.

V.A. - O Richard, morava lá?

L.S. - Isso, eu morava com ele. Morei com ele um curto período então isso também começou a me incomodar muito. Era muito risco; também a polícia estava toda hora lá. Aí eu resolvi mudar e fui morar sozinho em um bairro no Butantã, no fundo de uma casa em um quartinho e lá fiquei por um bom tempo. Enquanto estava ali conheci a minha esposa atual e depois tive que voltar para Santos. Voltei, trabalhei durante um ano, aí já na Companhia Docas de Santos, no escritório e, depois de um ano, guardei algum dinheiro e voltei para São Paulo.

V.A. - Para continuar Filosofia? Não?

L.S. - Não. Filosofia eu havia praticamente desistido e aí eu fui, fiquei meio perdido, fiz algum vestibular para Medicina. De repente eu descobri que o que eu fazia era escrever, poesia... Aí digo: “Ué, por que é que eu não vou fazer Letras?” Aí eu ... foi opção única: Português, e aí peguei [inaudível].

V.A. - Português – Literatura que tinha, não é?

L.S. - Não, era Português.

V.A. - Só?

L.S. - Português, mas na [inaudível] era Língua Portuguesa [inaudível]. Mas aí você tinha Literatura. E aí eu peguei como segunda opção o Francês e eu fiz Português – Francês.

V.A. - Entrou quando na USP? Lembra disso ou não?

L.S. - 1976, eu creio. 1975 ou 1976 porque eu me formei em 1980, então eu fiquei cinco ano. Acho que foi em 1975.

V.A. - Então chegou em São Paulo em 1976. A gente tem alguns dados, é ... [interrupção por Cuti].

L.S. - Não, eu cheguei em São Paulo em [interrupção por Verena]

V.A. - Em 1973, voltou ...

L.S. - Em 1974 para 1975.

V.A. - Está.

L.S. - Eu cheguei de novo.

V.A. - O Senhor continuou, você continuou com uma relação... Quer dizer, já tinha estabelecido uma relação com o Itamaraty, com o grupo que pensava a questão racial.

L.S. - Racial.

V.A. - Em São Paulo isso continuou?

L.S. - Continuou porque depois do Itamaraty eu tive em outras entidades em Santos.

V.A. - Quais que eram?

L.S. - Não tinha nome assim, eram grupos. Pessoas, então eu comecei... Uma coisa importante para mim na atividade atual foi encontrar um livro de Oswald de Camargo que se chamou “O carro do êxito”. Esse livro foi de uma importância muito grande para mim. Aliás ele está aqui, depois a gente... Eu queria que vocês focalizassem esse livro que é um livro que para mim foi muito importante. É um livro de contos, mas foi o primeiro livro de literatura que eu comprei em uma livraria na praia em Santos. Uma livraria comum, estava lá o livro colocado no cesto. E esse livro, ele falava das entidades negras. São contos que falam de entidades negras de São Paulo e também a coisa fundamental: a primeira pessoa negra, entendeu? Quer dizer a primeira pessoa que é negra e escreve muito em primeira pessoa. Aí eu vi a foto do autor e falei: “Puxa”. Aí foi um deslumbre para mim tanto é que quando eu

cheguei em São Paulo, eu procurei entidades negras, me associei e conheci o Oswaldo de Camargo que é amigo meu até hoje. Então foi uma ponte de identidade entre Santos e São Paulo muito, muito forte esse livro, “O carro do êxito”, e que já tratava exatamente das questões de ascensão social, de associações negras. O Oswaldo foi uma pessoa importantíssima como um elo de gerações. Sabia muito! Conheceu o Correia Leite quando o Oswaldo era novo. Inclusive no livro do Correia Leite tem uma foto do Oswaldo novinho. Então para mim esse livro foi um deslumbre assim como foi também o livro do Abdias, “O negro revoltado”, que eu também comprei em Santos, li, foi também um grande deslumbre saber que já tinha havido congressos, jornais, Teatro Experimental do Negro (TEN) e tantas outras coisas. Essas duas obras nortearam bem minha vida nesse período.

V.A. - Quais são as entidades que “O carro do êxito” nomeia?

L.S. - Ah, não sei precisar, não sei precisar, mas ... [interrupção por Verena]

V.A. - Aí você foi procurar qual lá em São Paulo?

L.S. - Porque é um livro de ficção.

V.A. - Mas ele dá o nome real das entidades?

L.S. - Não me lembro.

V.A. – Ah, está.

L.S. - Mas em São Paulo eu tive contatos também com várias pessoas do movimento negro e a entidade mais importante foi o Cekan.

V.A. - O Cekan, ah.

L.S. - Centro de Cultura e Arte Negra que ficava no Bexiga. O Cekan foi de onde nós partimos. Aí nessa época havia entidades também em Santos. Algumas entidades que nós

criamos. O Centro de Cultura Afro-Brasileira porque como a família ficou em Santos eu tinha esse contato. Ia ver a família então também participava dessas entidades e aí o conhecimento com vários militantes que também tinham saído de Santos para estudar em São Paulo. Então foi um período muito, muito intenso de atividade. E o Cecan foi realmente o centro para muitas outras coisas. Lá nós tivemos o jornal, o “Jornegro”. Fizemos o “Jornegro”, lá nasceu também os “Cadernos Negros”, nasceram os “Cadernos Negros” com contato de poetas que também escreviam para o “Jornegro”. Dentre eles o Jamumica; o próprio Oswaldo de Camargo esteve na criação do “Cadernos Negros”, o [inaudível].

V.A. - O Senhor falou Jamu ... [Dúvida]

L.S. - Jamumica. É o nome africano que ele adotou. Foi um grande militante bem... Foi não, é porque ele está vivo. E várias pessoas que colaboraram, Eduardo de Oliveira que já era uma pessoa da geração do Oswaldo de Camargo e tantas outras pessoas que estavam ali fazendo o Movimento Negro. O próprio MNU nasce ali, nas discussões ali. Depois sai para em 1978 fazer a manifestação em frente ao Teatro Municipal de São Paulo.

V.A. - Nasce ali como o MNU?

L.S. - Das discussões. Eram militantes que estavam ali. Era Hamilton Barbosa... Enfim tantos outros militantes. Alguns assim eu lembro de apelido, mas tinha o Rafael também, que tem um apelido engraçado que é Xuxão.

V.A. - Xuxão?

L.S. - [Riso] Então... É um dos grandes militantes também.

A.P. - Rafael Pinto?

L.S. - Rafael Pinto, isso. Então, tem um outro também que foi praticamente a base, o Isidoro Teles, que foi a base praticamente financeira do Cecan, que custeava as despesas do Cecan, do jornal, enfim ... e ali nasce, ali começa a minha militância na área cultural.

A.P. - Você conhece o Cegan na primeira ida a São Paulo ou na volta em 1974, no final de 1974?

L.S. - Olha, essa pergunta é difícil, sabe. Eu não sei precisar. Essa ida e vinda foi de um ano, então provavelmente foi nesse período porque quando eu retorno a Santos, eu fico com atividades em Santos com entidades de Santos, novas entidades de Santos. Então eu acho que foi nesse período mesmo de ida e vinda. Eu já saí de Santos já com ideias, com endereços de gente em São Paulo que faz movimento negro, endereço de entidades. Havia uma entidade também que a gente participava que era um clube chamado ... tinha um nome, um nome que remetia a Portugal. Como é que é? Coimbra! Coimbra era um clube que fazia bailes. Então no Coimbra a militância se reunia, lia poesias, entendeu? Quer dizer, era um clube que fazia bailes, tinha diversão, mas, entretanto, ele tinha esse lado militante também. Ali se estabelecia um grande debate. O Movimento Negro pediu espaço para debater questões raciais, então esse período é difícil de precisar datas porque... Também datas não são tão importantes.

V.A. - Esse Clube Coimbra ficava em Santos ou em São Paulo?

L.S. - Não, em São Paulo na Avenida São João. Eu estive lá várias vezes, o Movimento negro fazia almoço e tal, então tinha muito... Tinha o Aristocrata Clube também que fazia atividades na sua sede lá do Centro. Era um momento assim de muita efervescência. Agora, como eram entidades que primavam, vamos dizer assim, pela coisa mais lúdica: os bailes... Vinham essas outras entidades que queriam discutir questão racial como é o caso do Cegan. Daí que nascem jornais, nasceu também daí nesse mesmo ano – em 1978 – nasceu o Feconezu, o Festival Comunitário Negro Zumbi, que é realizado até hoje no interior de São Paulo. Todo ano em novembro esse Festival é realizado. Reúne pessoas de várias cidades do interior de São Paulo. Começa sexta-feira à noite e depois no sábado tem atividades culturais, debates e culmina com uma grande festa; um baile. No sábado de manhã tem esporte, então é um conagraçamento muito bonito que existe até hoje e que foi criado por nós nessa época. Eu, Isidoro e militantes do interior também. Então foi muito efervescente esse período. Inclusive vocês vejam, o primeiro “Cadernos Negros” é lançado no primeiro Feconezu. Onde não

tivemos assim atividades importantíssimas, onde apareceu o Ismael Ivo, que hoje é um bailarino famoso na Europa, mais especificamente na Alemanha. O Ismael Ivo levou um grupo de bailarinos negros que fizeram um espetáculo fabuloso na cidade de Araraquara em um local chamado Gigantão. Então foi o primeiro Feconezu. Foi uma coisa muito intensa de conagração de pessoas de várias entidades negras do interior. Então era uma coisa muito bonita! Eu me lembro até que os bailarinos estavam todos pintados de vermelho, o corpo todo pintado de vermelho. Foi um espetáculo bellissimo! Uma coisa muito linda! E lá nós lançamos o primeiro “Cadernos Negros” ... o primeiro “Cadernos Negros”, um livrinho pequenininho e tal onde havia poetas: eu, Hugo Ferreira, que foi o criador comigo do “Cadernos Negros”, o Oswaldo, o Jamumica, acho que Abelardo Rodrigues também estava.

V.A. - Abelardo Rodrigues?

L.S. - É. Não me lembro bem se o Abelardo está nesse, mas eu acho que está sim. Então sabe foi um conagração nesse período muito intenso. Aí começa praticamente a minha militância em São Paulo.

V.A. - Esse “Cadernos Negros” ele era basicamente poesia ou ele também discutia a questão racial?

L.S. - Não, o “Cadernos Negros” não discutia, ele discute porque ele existe até hoje. É uma publicação anual feita pelos autores, então em um ano ele publica poemas e, no ano seguinte, ele publica prosa, contos. E ele existe, esse ano ele vai fazer vinte e nove anos de publicação ininterrupta. Com todas as dificuldades ... e ali também, no Ceca praticamente nasceu, se originou, o Quilombhoje com o encontro meu, do Oswaldo de Camargo, depois chegou Colina. E aí nós saímos e fomos nos reunir nos bares, especificamente em um bar chamado Mutamba.

V.A. - Como?

L.S. - Mutamba. Depois eu vim a descobrir que Mutamba é uma grande árvore africana da região de Angola. Aí a gente “Puxa vida! Nós fizemos o Quilombhoje embaixo de uma grande árvore e não sabíamos” [riso]. Essas coincidências são muito bonitas.

V.A. - Esse Colina como é o nome dele?

L.S. - Paulo Colina.

V.A. - Paulo Colina. Você disse que o Cecan e o próprio “Cadernos Negros” era bastante financiado pelo Isidoro. Era isso ou ...?

L.S. - Não, o “Cadernos Negros”, não.

V.A. - Não, o Cecan e o “Jornegro”.

L.S. - O Cecan porque o Isidoro tinha um bom emprego e, em geral, ele assumia mesmo aluguéis e tal. É uma coisa até meio delicada de falar, mas as pessoas – eu mesmo na época – tinham muita dificuldade financeira, então sobrava muito para ele e ele realmente sempre cumpriu assim, nunca se queixou. [Riso]

V.A. - Qual era o emprego dele?

L.S. - Ele trabalhava no Metrô. Ele tinha um bom cargo no Metrô de São Paulo. Então era uma pessoa bem mais situada financeiramente. Outras pessoas colaboravam evidentemente. Eu também colaborava na medida do possível, mas era uma pessoa que tinha mais condições de segurar as despesas e tudo. Então foi uma pessoa muito importante nesse momento porque sem esse substrato não tinha como a gente ter uma série de... Ele segurou muito essa onda financeira.

V.A. - A sua esposa também participava? Na época era ainda namorada? Participava dessas reuniões?

L.S. - É, a minha esposa participou, mas muito assim, vamos dizer, de uma maneira menos efetiva porque já tinha a preocupação com a casa. Então essa coisa de militância é terrível porque você fica muito tempo na rua, se desliga às vezes de compromissos domésticos e isso causa uma pressão interna da família. Mas ela participava. Feconesur, ela ia. Participava das reuniões ...

V.A. - É negra ela?

L.S. - Negra.

V.A. - E vocês casaram quando? Ou juntaram?

L.S. - Eu nem sei porque a nossa relação...

V.A. - Não sabe ... [Riso] Quando voltou de Santos já?

L.S. - A nossa relação foi assim: quando eu voltei de Santos moramos juntos, acho que uns cinco anos e depois tiramos o documento de casamento, mas nunca fizemos cerimônia de casamento. A gente vive acho que há trinta e poucos anos, um pouco mais de trinta anos e nunca tivemos essa coisa do altar, do casar na igreja... Tiramos o documento como quem tira uma carteira de identidade, chamamos dois amigos que foram juntos no cartório, tiramos o registro e pronto; continuamos a nossa vida.

V.A. - E têm filhos?

L.S. - Temos uma filha que está hoje com vinte e dois anos e estuda veterinária em Londrina.

V.A. - Londrina?

A.P. - Eu gostaria de te perguntar, Cuti, o seguinte: você cita como duas referências emblemáticas o livro do Oswaldo e o livro do Abdias e você está vivendo um momento com uma efervescência e as coisas acontecendo. Conhecendo militantes, conhecendo pessoas e tal

e você recebia, ouvia? Como é que você recebia essas informações sobre o que estava acontecendo no mundo em relação à questão racial nos Estados Unidos, os direitos civis, as lutas, as lutas de libertação em África, que estavam acontecendo exatamente nesse momento nos países de Língua Portuguesa? E como é que isso era digerido, era trabalhado, era discutido nos grupos onde você frequentava?

L.S. - Olha, você veja. Esse é um período que nós estamos vivendo ainda a ditadura militar, então essas ideias, elas chegavam junto com outros materiais. Junto com o Manifesto Comunista, junto com o livro vermelho do Mao Tsé Tung. Havia também muitos textos de Amílcar Cabral, chegavam também textos, alguns livros americanos. Um livro fundamental foi “A alma do exílio”, do Elder d’Criver; foram livros assim muito importantes e que deram um conteúdo de militância, reforçaram um conteúdo de militância muito grande. O Frantz Fanon também com “Os condenados da terra” foi um livro lido assim; quase todo o militante que estava ali em volta leu esse livro: “Os condenados da terra”. Emprstavam-se livros, etc. porque o Movimento Negro em São Paulo ele é feito basicamente por estudantes. Inclusive vários estudantes universitários que fazem o Movimento Negro Unificado, que depois tomou proporções outras, mas basicamente é isso. São estudantes universitários que estão enfrentando a dificuldade da universidade e estão lendo – pessoas que liam – e que toma contato. E essas revoluções africanas, sobretudo, a revolução dos países de Língua Portuguesa - Moçambique, Angola, Guiné Bissau - foram muito importantes para gente. Toda informação que vinha de lá: poemas de Agostinho Neto, informações de Moçambique, a poesia moçambicana revolucionária. Tudo isso também teve muita influência nesse momento, fazia parte de um conjunto de informações importante, mas chegava com muita dificuldade. A gente sabe que a política das traduções no Brasil, elas passam por um crivo, uma peneira ideológica muito séria. Tanto é que as pessoas tentam falar da influência da *Négritude*, mas a *Négritude* teve muito pouca influência por causa exatamente da barreira do idioma. A *Négritude* foi escrita em Francês, década de 1940. Então o que é que nós temos de tradução da *Négritude* nesse período? Nós tivemos o prefácio do Jean Paul Sartre, que é feito para a Antologia da Poesia Negra de Expressão Francesa [Negra e Malgaxe]. Só o prefácio!

V.A. - Que foi traduzido?

L.S. - Que foi traduzido. Os poemas não foram traduzidos. [Interrupção por Cuti]. Nós precisamos parar, eu preciso ir lá. Então essa influência da *Négritude*, ela foi muito pouca, muito pequena. Abdias pegou um pouco, alguém na década de 1950 pegou um pouquinho, alguns intelectuais negros – vamos dizer assim – que liam os franceses puderam pegar um pouco, mas foi muito pouco! Eu posso dizer que em termos de influência na Literatura Negra Brasileira atual, muito pouquinho. Nós tivemos mais influência da Literatura Angolana e da Literatura Americana que foi traduzida do que de uma Literatura da *Négritude* propriamente dita.

V.A. - É, talvez o Senhor ...

[FINAL DO DISCO 1]

V.A. - Então depois de uma breve interrupção vamos voltar aqui à entrevista e eu fiz o que o Cuti me sugeriu. Fiquei pensando nas perguntas que eram possíveis de serem feitas. Eu tenho uma pergunta pontual: você falou que a sua mãe tinha recebido uma sugestão de vocês irem para São Paulo para morarem lá, seu pai ser caseiro numa casa que ela trabalhava com os figurões. Quem eram esses figurões?

L.S. – Olha, eu me lembro apenas que ela dizia que era a família Abreu Sodré.

V.A. - Abreu Sodré?

L.S. - Que eram políticos em São Paulo, não sei muito ...

V.A. - E ela tinha trabalhado com eles assim já antes de casar?

L.S. - Antes de casar.

V.A. - Como?

L.S. - Quando era solteira.

V.A. - Trabalhava de empregada doméstica? E eles então ...

L.S. - De empregada doméstica para essas famílias, e eles, não sei como lá, fizeram essa proposta para que a família ...

V.A. – Eu só queria confirmar como que ela tinha conhecido a família, então ela tinha trabalhado como empregada doméstica. Eu tinha outra pergunta pontual, mas esqueci. A pergunta que eu pensei que a gente pudesse aproveitar nessa meia hora que é aquilo que você pode nos dar de mais genuíno seu que é essa relação entre a literatura e a negritude. Quer dizer, acho que o seu caminho que você percorreu, descobriu “tenho que fazer Letras”, não tinha que tentar vestibular para Medicina, essas coisas. Era Letras e vendo hoje o seu curso chama-se, o seu minicurso, a sala que a gente está “Literaturação quilombola: uma revolução pela palavra”.

L.S. - É uma revolução, saiu errado.

V.A. - Revolução e saiu errado? Revolução?

L.S. - São dois neologismos.

V.A. - Está certo. Então talvez pudesse explicar um pouco para gente como é que foi essa sua trajetória a partir do contato com outras pessoas, com outros militantes. Mas a sua trajetória é bem específica para a área de literatura e como é que essa literatura se junta com a negritude na sua militância?

L.S. - Sim. Na realidade a questão da literatura comigo, ela começa em Santos e o meu contato com o Itamaraty em Santos foi muito importante porque possibilitou uma audiência. Eu tinha uma audiência pequena, mas tinha para declamação de poemas, de meus poemas. Eram pessoas que ouviam os meus poemas. Algumas pessoas mais chegadas liam. Então essa

recepção negra para a poesia negra é muito fundamental e foi muito fundamental para definir o meu caminho no sentido de investir na literatura. Quando eu chego em São Paulo, eu encontro pessoas com o mesmo desejo de produzir textos, enquanto pessoas que já tinham produzido livros. Então isso foi um deslumbre. Quer dizer, conhecer o Oswald, conhecer o Eduardo de Oliveira, pessoas que já tinham publicado livros de poesia, etc. e, neste mesmo anos dos “Cadernos Negros”, eu faço um pequeno livro chamado “Poemas da Carapinha”, com diagramação minha, em máquina elétrica – máquina repto-elétrica - e foi em uma gráfica e mandei imprimir. Fiz acho que quinhentos exemplares e comecei a vender para os meus amigos, doar, dar, enfim. Agora evidentemente que eu percebi e percebo até hoje que o Movimento Negro é uma coisa muito difusa. São muitas atividades, muitas entidades e o meu potencial estava dirigido exatamente para a área da cultura. Foi por isso que as áreas que eu mais atuei foi no Feconezu, Festival Comunitário Negro Zumbi, e no Quilombhoje, na criação do Quilombhoje e dos “Cadernos Negros” e depois na manutenção dessas atividades. Então eu percebi também que nós tínhamos que afunilar muito mais as energias para esse campo da literatura por quê? Porque era um campo muito difícil. Muitos militantes queriam dizer teoria política, não gostavam de poesia, poesia não era... Não gostavam de contos, então eu percebi que nós tínhamos que ter o nosso grupo e constituir um grupo realmente que fizesse, que gostasse de literatura e foi o que nós fizemos. Então ela surge exatamente no bojo desse Movimento Negro, nessa efervescência do final da década de 1970 e continua depois como uma vertente já mais particularizada porque dali daquele grupo do Cegan e também da... Porque ali nós tentamos criar uma entidade estadual chamada Federação das Entidades Negras do Estado de São Paulo, que se chamou Feabesp. A Feabesp congregaria, chegou a congrega entidades negras de São Paulo e do interior de São Paulo, mas foi uma instituição muito efêmera exatamente por causa da fragilidade das entidades que a compunham. O Feconezu era realmente de responsabilidade da Feabesp, mas que na realidade era uma entidade sem muita consistência e ficava atrás do Cegan. As reuniões da Feabesp eram feitas no Cegan, enfim...

V.A. - Quer dizer, na verdade, quem sustentava era a Feconezu e...

L.S. - Não. Era o Cegan porque o Feconezu era o festival.

V.A. - Era só o festival.

L.S. - Mas a entidade era o Cecan.

V.A. - E o que é esse “b” do Feabesp porque Federação das Entidades Negras do Estado de São Paulo não tem “b” aqui. Feabesp, o que é esse “b”?

L.S. - Federação das Entidades Afro-Brasileiras

V.A. - Afro-Brasileiras. Ah, tá!

L.S. - Então a minha militância se dirige mais para área da cultura e depois mais precisamente para área da literatura, mas eu continuo uma pessoa interessada em outros aspectos da questão racial, sobretudo, essa questão da memória, então aí é que eu encontro Correia Leite. Foi uma pessoa que me recebeu muito bem, aliás recebia bem todas as pessoas que iam lá procurar entrevistas, procurar informações, ele foi assim um grande incentivador da militância. O pessoal do Cecan – por exemplo – todos o conheciam, todos iam na casa dele conversar, convidá-lo para ir falar em algum lugar ou visitar alguma exposição e ele sempre recebia muito bem todo mundo e como eu estudava na época no Rio pensei em fazer um trabalho sobre o Correia Leite e fui conversar com ele. Na primeira conversa eu desisti porque eu percebi que não tinha nada que fazer um livro sobre o Correia Leite, tinha que fazer um livro dele, com depoimentos dele e porque eu imaginei já que podia fazer uma ponte com a universidade, na qual eu já estava inserido para realizar um trabalho que inclusive pudesse ter uma certa sustentação financeira, uma espécie de uma tese, um trabalho acadêmico, alguma coisa assim. Mas, depois eu percebi que não, que tinha que ser um trabalho militante, um trabalho militante e de militante. Eu não tinha que construir uma biografia do Correia Leite, tinha que ser o Correia Leite mesmo, o Correia Leite falando, se mostrando, se expondo. Era a memória que era a coisa mais interessante de fazer, então eu fiz “... E disse o velho militante José Correia Leite”. As pessoas às vezes perguntam: “Por que aqueles pontinhos?” Esse pontinho nada mais é que antes houve muita coisa, ele viveu muita coisa, ele fez muita coisa, ele criou muitas entidades, jornais, participou de muita coisa, então tem um antes. Ele fez tudo isso e disse. Esses pontinhos são exatamente para caracterizar, os

pontinhos iniciais do título, as reticências são para caracterizar que há uma história muito grande, muito bonita de militância e depois a fala. A fala vem em um período que ele já está afastado, já está com uma certa idade, com problemas de doença, etc.

V.A. - Como é que você teve conhecimento dele? Da existência dele?

L.S. - Ah, através dos militantes. Todos falavam dele.

V.A. - Todos falavam dele?

L.S. - Todos falavam, de vez em quando ele tinha aparição em algum evento, aparecia. Era uma espécie de um ícone negro da memória viva, onde todos nós fomos beber a sabedoria da transmissão oral, do que foi o Movimento Negro da década de 1930, de 1920. Que ele nasceu em 1900. Então você veja, o Correia Leite pegou todo esse período. A juventude dele aos vinte anos ele estava na década de 1920. Quando a Frente Negra foi criada ele estava com trinta anos então é uma pessoa que pegou todo esse início do Movimento Negro em São Paulo. Estava muito antenado e uma pessoa que praticamente deu a vida pelo Movimento Negro porque deixou de fazer carreira em qualquer profissão e tudo para se dedicar à imprensa negra e isso também era um exemplo para todos nós. Eu me recordo muito bem que certa vez, o Isidoro... O Correia Leite perguntou: “como está o Jornegro?” Aí o Isidor falou: “Está muito difícil muito, caro ...” e o Correia Leite virou para ele e disse: “Olha, é bom que seja difícil porque assim você valoriza esse trabalho, uma coisa muito fácil não é militância!”. Então tinha muito disso, quer dizer, uma pessoa que dava exemplo; era um homem muito honesto, muito correto, muito limpo. Um exemplo, era como nós vemos por exemplo na abertura deste congresso que nós estamos hoje, sobe uma mãe de santo. Quer dizer, aquilo dá uma certa aura de paz para as pessoas, de proteção mesmo do mais velho. E ele era uma pessoa muito receptiva. Agora, discutia como um jovem, então era uma pessoa muito rica, então por causa disso e da nossa identidade também eu resolvi fazer esse livro e foi um livro que para minha surpresa teve uma boa aceitação no conjunto da população negra. Muitas pessoas que são pessoas leitoras habituais acabaram lendo o livro justamente por causa desse apelo à oralidade. É um livro que a gente ouve, a leitura é uma leitura auditiva porque você

sente que há uma fala, uma fala de alguém muito... uma fala generosa, de contar realmente o que houve.

V.A. - Você falou que foi importante você lá no Itamaraty declamar suas poesias e a recepção à poesia negra. O que seria então a poesia negra? O que é que caracteriza a poesia negra?

L.S. - Bem, nós temos nesses dois termos ... nós temos um substantivo e um adjetivo, entretanto esse adjetivo “negra” é um disfarce do substantivo. Na realidade nós temos dois substantivos aí e dois substantivos imbricados, sem a necessidade do conectivo e eu digo isso por quê? Porque a literatura que nós fazemos ela traz uma subjetividade que não encontrou guarida na Literatura Brasileira como deve, como merece. Tudo aquilo que nós negros sentimos em relação à violência do racismo, da escravidão, tudo isso que nós sentimos não trafega na literatura porque o branco só pode ver o negro por fora, o branco não pode ver o negro por dentro para ter essa empatia capaz de se colocar no lugar do negro. Então determinados sentimentos, determinadas simbologias, são muito particulares. Você precisa ter passado determinadas coisas para você perceber e ser capaz de traduzir isso em palavras. Você veja - por exemplo - uma pessoa que sofre uma discriminação muito violenta e tem que ir para casa sem poder reagir. Esse mundo interior que ela vive, essa combustão interior só ela experimenta. Isso... uma pessoa branca não tem acesso a esse experimento subjetivo, a essa experiência subjetiva. De como pensar o outro, como pensar a sua perspectiva de vida, como encarar a sua história, como encarar o seu próprio corpo porque é através desse corpo que ela recebe as agressões, então como é que ela ... a dificuldade dela aceitar o corpo que ela é; então tudo isso são questões muito pessoais de negros, são questões muito íntimas que um branco para traduzir isso em palavras ele precisa ter uma empatia muito profunda, uma empatia muito ... muito especial, muito fina. Há um poema, um quadro que até ...

V.A. - Esse do Semog, não é?

L.S. - Esse do Semog. Reparem bem! Não passa apenas a didática teórica.¹ Então o Semog quando faz isso ele está justamente traduzindo isto, esta subjetividade. Isto faz com quê? Isto faz com que o ponto de vista da emanção do discurso se altere, então você percebe um texto

¹ O entrevistado declama um trecho da poesia de Éle Semog.

de um autor negro, engajado, militante, consciente, politicamente envolvido com a ideologia do Movimento Negro você percebe este outro olhar. Sem contar que nós temos fenômenos interessantes que é por exemplo a questão do interlocutor, o eu negro, o eu poético ou o eu na primeira pessoa, no caso da prosa, ele fala com alguém e este eu negro dirige-se muitas vezes para o branco e muitas vezes para o negro. E quando ele se dirige para o negro existe um conluio que vai resultar na palavra “nós”, uma fusão de dois eus: o eu do emissor e o eu do receptor e isto falando dentro do próprio texto. Não estou fazendo análise subjetiva da biografia do autor, eu estou falando exatamente do texto. Isso são fenômenos muito interessantes porque nós negros vivemos essa questão séria de não sermos o emissor do texto e nem o receptor de muito texto, de muita Literatura Brasileira, então a contribuição da Literatura Negra vem exatamente nesse sentido, de causar, de provocar o estranhamento naqueles que não estão identificados como negros e talvez gerar – e tem gerado muito – essa identidade daqueles carentes dessa identidade. E aí eu falo não apenas negros, mestiços, mas brancos também porque quando você lê, “Você é branco”, você lê um texto de negro na primeira pessoa, não tem como, você tem que aderir, senão você vai ter uma leitura muito tensa, se você se colocar em oposição àquele eu que está narrando a sua história. Então se o texto for tendo dali a algumas páginas você está aderida a um eu negro e essa experiência subjetiva é importantíssima para o Brasil.

V.A. - Você pode dar um exemplo? Esse poema aqui do Semog digamos que é um metapoema sobre o que é que seria a poesia negra, não é isso? Ele está dizendo o que tem que ser feito, que é preciso paciência, calma. Você disse que o poema negro, a poesia negra, o poema negro é aquele que trata de questões que apenas o negro percebe na sua subjetividade. Você tem exemplo?

L.S. - Esse é um caso.

V.A. - Está, mas esse ele está falando sobre isso. Percebe? Esse é um metapoema ...

L.S. - Para que ele fale sobre isso é preciso que ele tenha tido essa experiência. Do ponto de vista direto...

V.A. - Tem algum seu, um seu que você possa, um poema seu...

L.S. - Do ponto de vista direto... eu gostaria de declamar um outro, daqui a pouco, eu declamo um meu.

V.A. - Diga.

L.S. - Se você quiser também eu posso declamar um meu. Por exemplo “Quebranto”.

V.A. - “Quebranto”?

L.S. - “Quebranto”. “Quebranto” vai nessa linha.² Você repara que é um eu diferenciado que está falando das dificuldades que enfrenta e do que sente em relação não apenas ao cotidiano, mas também em relação a essa introjeção do racismo que gera uma dificuldade muito grande do ponto de vista psíquico. E aí eu chamo a atenção para um dado da realidade. É muito grande o número de negros do pós-abolição até hoje nos manicômios. A violência do racismo, o linchamento psicológico é resultado, resulta nisso, é a causa disso, entende? Quer dizer, essa é uma faceta do racismo que as pessoas não veem. Provavelmente se você disser isso para profissionais da área da saúde eles vão dizer: “Não é que... Isso daí é a pobreza”. É que eles não sabem o que é um linchamento psicológico, eles não sabem o que é ser chamado de macaco, de negro, eles não sabem! Eles não podem saber o que uma pessoa sente quando é rejeitada porque se você é rejeitado porque você tem – vamos dizer um mau hábito – você muda o hábito. Se você é rejeitado porque você usa calça *jeans*, você troca a calça. Se você é rejeitado porque você tem um livro escolar deficiente, você vai estudar. Se você é rejeitado porque você é você, a pessoa te recusa em bloco. Você não tem saída, a perversidade do racismo está nisso porque você é rejeitado, banido porque você é você. Você tem corpo negro, características fenotípicas, então essa é a perversidade. Daí que isso gera muitos problemas psicológicos que a gente não computa no racismo. Racismo não é só dizer: “Olha! Eu não quero que você fique aqui!” ou “Saia daqui!”. Não! Racismo é a coisa que decorre disso, são os fenômenos que decorrem disso na autoestima das pessoas, entende? Quer dizer, muitas pessoas negras não têm o entusiasmo para a competição capitalista. Por quê? Porque

² O entrevistado declama os versos da poesia.

elas estão fragilizadas. Elas foram violentadas com palavras e com recusas no seu caminhar buscando uma pequena ascensão social. Eu digo pequena porque até aí muitas pessoas têm anseios muito limitados. Por quê? Porque o universo dela é bloqueado, é fechado. Bloqueia o horizonte e a partir de um determinado momento a discriminação racial não precisa fazer mais nada porque o próprio indivíduo faz. Ele mesmo se auto discrimina porque aquele mecanismo entorno, aquele mecanismo da desvalorização pessoal, grupal já entrou. Então aí o trabalho do movimento negro de reconstituir essas personalidades fraturadas por essa violência muitas vezes invisível a olho nu e do ponto de vista da literatura – voltando à literatura – você viu que no “Quebranto” nós temos um eu que se fala, que fala para alguém (não se sabe) e no poema “Atitude” do Oswaldo de Camargo nós já temos vários índices.³ Depois o poema parte para um trecho onde ele desloca completamente o foco e ele passa a se dirigir diretamente aos negros. Então você veja, esse é um poema bastante significativo para essa noção de Literatura Negra. Por quê? Porque você percebe que ele sai de um direcionamento indeterminado e vai para um direcionamento determinado. O eu agora fala com os seus companheiros. Não é? Ele já não está mais preocupado em falar com alguém que não tenha identidade. Ele está falando com um eu negro, com seus companheiros. Esse eu individual, ele se transformou em um eu coletivo e depois ele volta a ser um eu individual para exortar os seus irmãos para uma consciência racial, para uma atitude em face do racismo. Então esse é o tipo de constructo que realmente dificilmente uma pessoa branca vai entender porque não passa por essas experiências subjetivas de ser negro no enfrentamento da discriminação racial.

V.A. - Esse poema é de quando? Sabe dizer?

L.S. - Esse poema, ele foi publicado ... a edição que nós conhecemos dele é o “Cadernos Negros”, número 1, 1978.

V.A. - E o seu que você declamou?

L.S. - Esse também “Quebranto” é do número 1 dos “Cadernos”. Depois eu publiquei nos meus livros.

³ O entrevistado declama o poema de Oswaldo de Camargo.

V.A. - Voltando ao título do seu minicurso. Quer dizer, eu entendi o que é a poesia negra. Eu quero saber o que é uma literaturação porque aí eu queria aliar justamente a sua profissão que você escolheu de escritor com a sua militância, porque eu acho que talvez esse minicurso, o nome do minicurso me dê a chave dessa militância. “Literaturação quilombola: uma revolução pela palavra”. Como que além de você fazer poesia negra, como que é a sua ... ou essa é a sua militância. O que é isso aqui: literaturação?

L.S. - Então, na realidade esse é um estudo que eu faço dessa produção no sentido de mostrar que a Literatura Negra, que se constitui a partir da década de 1970 sobretudo. Ela é algo que pressupõe um crescimento através da ação dos próprios autores porque para a Literatura Negra se constituir, para que nós tivéssemos publicado vinte e oito “Cadernos Negros”, para que nós tivéssemos feito antologias – duas antologias de ensaios de escritores negros, isso precisou de muito empenho dos próprios escritores, que além desses livros, fizeram encontros. Nós fizemos três encontros de poetas e ficcionistas negros brasileiros. Um encontro em São Paulo, que foi o primeiro e dois no Rio de Janeiro.

V.A. - Quando foi?

L.S. - Isso foi em 1980, creio [dúvida]. Não sei ... não estou preocupado muito com data.

V.A. - É, a gente está querendo reconstituir a história desse movimento por isso que a gente tem essa fixação por data... Mas o primeiro foi por volta de 1980?

L.S. - É, para mim data é uma coisa, mas a data ... você já ... eu vou tirar alguns livros daqui porque talvez tenha aqui ... deixa eu ver se está aqui. Não, não está aqui. Mas as datas você pode encontrar nesse livro aqui bastante interessante do Oswaldo de Camargo que é o “Negro Escrito”. Ele recompõe uma série de trabalhos nossos. Isso é muito fácil de você encontrar. Você veja aqui está o número – não é o último – o último vai ser feito esse ano, mas aqui está o “Cadernos Negros”. Esse é o “Cadernos Negros” do ano passado. Quer dizer, essa é a série que nós publicamos com vários autores. Em um ano a gente publica poesia e em um ano a gente publica prosa.

V.A. - Esse é o de prosa?

L.S. - Então este empenho é por isso que eu chamo de literaturação, que - além de ser algo que amadurece, que cresce - há uma maturação aí embutida. Eu adoro esses imbricamentos de palavras, assim como por exemplo a palavra quilombhoje também. Ela traz um bojo aí porque o Quilombhoje surge no bojo do Movimento Negro. É o quilombo hoje. Então essa produção tem isso, ela tem um empenho, é um empenho material, um empenho de luta, de sacrifício para constituir uma literatura adversa aos meios editoriais dominantes no Brasil. Sem o empenho dos autores – inclusive não somos nós apenas os autores – mas autores desde o começo do século como Lino Guedes por exemplo, Solano Trindade e tantos outros que tiveram que ter empenho para que esses textos chegassem até nós; porque se eles fossem esperar o meio tradicional realmente o bloqueio editorial faria com que esses textos ficassem perdidos, seriam realmente ... não seriam conhecidos hoje. Então é através do empenho. Por isso que eu chamo de literaturação. Há uma ação dos escritores por detrás disso. Não há ação de editores interessados. Não! Há a ação dos próprios escritores em realizar encontros, em fazer antologias, antologia da antologia porque já existe uma antologia do próprio “Cadernos Negros” em dois volumes: de prosa e de poesia. Então por isso que eu chamo isso. E o título também tem essa expressão de revolução porque na realidade hoje falar de revolução - quer dizer, nos termos marxistas - é uma coisa que ficou um pouco desatualizada. Hoje as esquerdas estão preocupadas em outro tipo de interferência no sistema, interferência mais de participação política, etc. Então eu chamo de lição porque na realidade, através dessa literatura, o branco brasileiro, o branco de qualquer país vai poder encontrar um texto no qual ele vai ser excluído muitas vezes, no qual ele vai ser chamado para uma outra subjetividade, no qual ele vai ser incentivado a questionar os seus valores com relação à questão racial, nos quais ele vai ser chamado para desconfiar dessa terminologia genérica que existe em todas as línguas: homem, humanidade, civilização ... não adianta você dizer homem e na sua mente você imaginar apenas homem branco; não adianta você dizer civilização e entender civilização como a civilização europeia. Então as palavras, elas escondem os sentimentos. O que uma pessoa sente ou o que uma pessoa tem como imagem quando ela diz mulher? Isso é importante porque isto é aquilo que não aparece, que é o mundo interior das pessoas. Se nós ficarmos dizendo humanidade e entendermos humanidade só como brancos nós vamos

realmente estar imbuídos de toda a ideologia do embranquecimento, de que os negros precisam ser destruídos para que no Brasil só tenha brancos. Foi toda essa Antropologia que nós ... e Sociologia do final do século XIX para o século XX. Quer dizer, tudo isso que alicerçou assim livros-chaves como o “Casa-grande e Senzala” que está na quinquagésima edição. Já teve até edição em quadrinhos. Quer dizer, os editores promovem isso, entende? É contra essa massificação da discriminação racial, da ideologia do embranquecimento, da ideologia da democracia racial que nós lutamos, que nós temos essa ação; assim como muitos outros que escrevem na área da Sociologia, muitos militantes. Eles têm que bancar os seus livros. São raros aqueles que conseguem um editor que financie a edição. Muita gente não faz isso ou então tem que conseguir uma verba pública para publicar o seu livro. Como foi o caso do livro do próprio Correia Leite publicado com verba pública porque o editor olha o material e diz: “Bom, isso é contra a minha ideologia e isso também não vende porque os negros não leem”, então ele não investe nisso.

V.A. - A sua profissão depois que você saiu da USP, formado em Letras, em Português – Francês só para a gente ter o final da sua trajetória profissional. Na verdade, já estamos em quase em uma e meia. Só quero fechar com isso.

L.S. - Eu fui para São Paulo e depois que eu voltei a estudar na USP para fazer Letras aí eu já estava trabalhando na Prefeitura de São Paulo como funcionário público; depois fui trabalhar – trabalhei de doze a quatorze anos na Biblioteca Mário de Andrade; depois trabalhei na Biblioteca do Centro Cultural São Paulo como auxiliar de biblioteca, depois eu fui dar aula. Eu me formei e fui dar aula durante um período.

V.A. - Onde?

L.S. - Fui dar aula em uma escola no Capão Redondo, a região mais violenta de São Paulo.

V.A. - Aula de escola mesmo? De Português em escola.

L.S. - Em escola, isso. Dei aula de Português, dei aula também em uma escola na Lapa durante um curto período e depois eu resolvi voltar a estudar. Aí eu fiz mestrado na Unicamp.

Quando eu estava iniciando o mestrado na Unicamp eu fiz um concurso público e aí eu fui trabalhar já com o meu diploma como pré-requisito. Eu fui trabalhar em um órgão público municipal que é o Tribunal de Contas do município onde eu estou até hoje.

V.A. - De São Paulo?

L.S. - De São Paulo. Lá eu trabalho na redação. Sou o chefe da redação. Atualmente, o supervisor.

V.A. - Redação das publicações do Tribunal de Contas?

L.S. - Exatamente.

V.A. - Que não tem nada a ver com Literatura? As publicações áridas ... [riso]

L.S. - Não tem nada a ver com Literatura, mas você veja o que é ... foi o lugar que teve a melhor recepção do meu diploma, foi lá porque o concurso foi um concurso muito difícil. Tinham três vagas apenas, uma concorrência muito grande e eu passei no segundo lugar e consegui um bom emprego. Aí vai ... trabalhando lá eu consegui fazer o mestrado, consegui fazer o meu doutorado, também na Unicamp.

V.A. - Na Unicamp os dois são em Letras? Mestrado e doutorado?

L.S. - Os dois. O mestrado eu fiz em Teoria da Literatura e o doutorado eu fiz em Literatura Brasileira. Então é um trabalho que realmente me deu condições financeiras para poder estar estudando, me deu condições também de fazer compensações de horário e tudo para que eu pudesse ter essa formação. Ao passo que no Centro Cultural [São Paulo] onde eu estava – vamos dizer assim – muito mais perto da cultura, trabalhando na biblioteca, na área de Literatura, eu não tive oportunidade profissional de ter uma ... de galgar determinados postos melhor remunerados. Eu fui encontrar isso exatamente na área do Direito, na área da auditoria, então é uma contradição, mas é uma contradição que para mim foi muito benéfica.

V.A. - E chegou a participar daquele ato em 1978 no Teatro Municipal?

L.S. – Então, naquele ato de 1978 no Municipal houve um racha. Muitas pessoas foram a favor e muitas foram contra...

[FINAL DO DEPOIMENTO]